

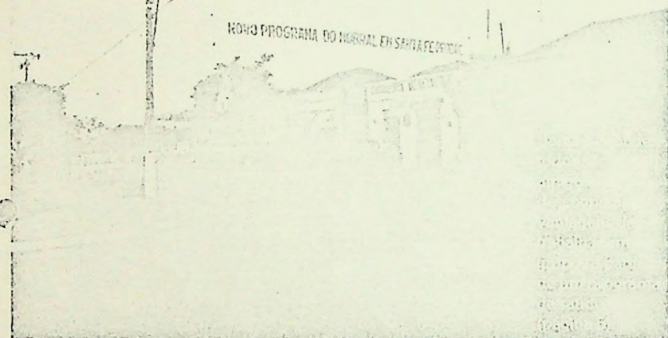
AÇÃO COMUNITÁRIA

Rio de Janeiro, fevereiro 1984

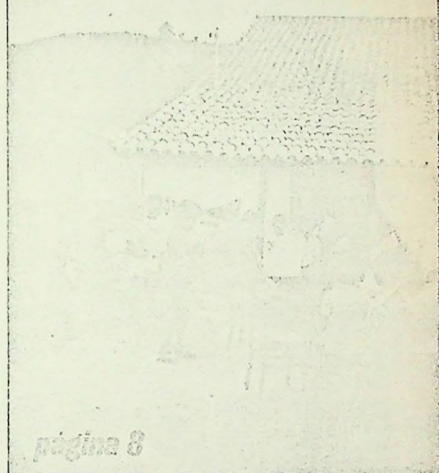
ano 3 n.º 15

novo mobral - ação comunitária - ação comunitária - novo mobral - ação comunitária - ação comunitária

Santa Fé: com carinho e amor



INHAPIM (MG) dá bom exemplo



página 8

Santana - modelo a seguir

pág. 9

Mais quatro municípios gaúchos
se destacam este mês,
mostrando como se pode viver melhor
em comunidade. (página 9)

Camaçari elege Câmara Mirim

No centro o Vereador-Mirim Adelfo, à esquerda o
Prefeito-Mirim Agnaldo e à direita o Vice-Prefeito
Mirim Mauricio. Atrás um grupo de vereadores
eleitos. (página 2)



A PALAVRA DO PRESIDENTE

A ação educativa desenvolvida pelo MOBRAL desde 1970, tem se caracterizado por um processo evolutivo natural que faz com que, stando sempre aos anseios das comunidades, seus vários programas fossem surgindo e sendo implementados.

Trata-se, hoje, de amplo leque de oportunidades educacionais que apesar de formarem um conjunto homogêneo, podem ser dissociadas para atender a realidades específicas.

Por outro lado, o MOBRAL nunca trabalhou sozinho. A Ação Comunitária, que é a ênfase do Novo MOBRAL, sempre permeou suas atividades: quer em ações diretamente com as comunidades, quer em associações com outras organizações. O exemplo mais recente disso é o convênio que o MOBRAL fez, de firmar com a Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB), visando a uma ação conjunta, consubstanciada num programa educativo que envolve educação sexual, gravidez, cuidados com o recém-nascido e planejamento familiar. Estes conteúdos foram reunidos no livro "Transmissão da Vida", elaborado por técnicos da Gerência do Programa de Educação Comunitária para a Saúde do MOBRAL, com a consultoria da Irmã Maria José Torres, da CNBB, e que conta ainda com uma apresentação escrita por Dom Luciano Mondes do Almeida, Secretário-Geral da CNBB.

Flo vem etender a antipos ansiosas das comunidades, captados pelos monitores do Programa de Educação para a Saúde desde sua implantação, em 1976, e certamente se constituirá em mais um importante fator para a melhoria do nível educacional da nossa população.

MARILIA SANTOS DA FRANCA VELLOZO
Secretária Executiva

IMBUÍA tem grupo em plena atividade



Igreja e salão de festas construídos pelo grupo comunitário.

A localidade de Alto Rio Engano fica a 15km da sede do município de Imbuia (SC). Cerca de 32 famílias ali vivem, basicamente, do cultivo de fumo e de cebola.

Uma Comissão Municipal atuante estimulou o desenvolvimento de atividades envolvendo a população adulta e jovem que nos últimos três anos vinham frequentando os cursos de alfabetização existentes no local.

A primeira necessidade apontada pelo grupo era a de construir-se uma capela, já que a única existente ficava muito distante.

Aproveitaram a safra do fumo para realizar uma campanha, através da qual arrecadariam recursos para comprar material de construção.

Também a passagem da minimobral-toca foi explorada pelo grupo de Alto Rio Engano que organizou um serviço de bar e cozinha durante as atividades ali apresentadas — concursos de gaiteiros e violeiros, jogos de futebol, bricadeiras com crianças, exibição de filmes, etc.

Recebido o terreno, através de doação, o grupo começou logo os trabalhos de terraplanagem, sob a liderança da pro-

fessora Teresinha Eli da Cunha, seu esposo Getulino Antonio da Cunha, do Sr. Antonio Valmor Capistrano, Archanjo Joaquim da Silva e Oswaldo Machado, entre outros.

A construção da igreja foi feita através de mutirões que contaram com a participação de toda a comunidade, além do valioso apoio do Prefeito Raul Goedert.

"Graças à união de todos, nossa igreja já está pronta, sem precisar pagar mão-de-obra", afirmava a Professora Teresinha, um mês após o início das obras.

Também um salão de festas foi feito pelo grupo e serve de sede para suas reuniões semanais. Ali são discutidos, principalmente, assuntos relativos à saúde.

São também ministrados cursos profissionalizantes, como corte e costura e enxertia.

O grupo vem ampliando cada vez mais suas realizações; além de promover o plantio de imbuías (árvores nativas) no pátio da escola local, organizou uma biblioteca comunitária, aberta a todos os moradores da localidade.

Camaçari elege Câmara Mirim

Foram eleitos em Camaçari o prefeito e o vice-prefeito mirins, além de 15 vereadores, todos alunos da rede escolar municipal e na faixa etária de 12 a 15 anos.

A cerimônia do posse, em 15 de novembro, transcorreu em clima de muita cordialidade e contou com a presença do Dr. Edson Carvalho — representante do prefeito —, de vários secretários municipais, do grupo de escoteiros, além de familiares dos eleitos e pessoas da comunidade em geral.

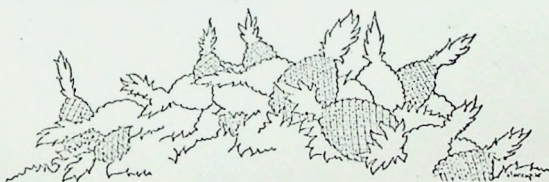
A Câmara Mirim de Camaçari funciona no Posto do MOBILAL e inovou realmente em matéria de eleições. A contagem dos votos foi feita através do número de roupas usadas (sem hom estado) que os candidatos recolheram na comunidade. Com isso mais de 5.000 peças puderam ser distribuídas às pessoas carentes de município, através da Comissão do MOBILAL juntamente com instituições de caridade.

O Presidente da Comissão Municipal de Camaçari — Waldyr Castro de Almeida — enviou ao Ação Comum os nomes que compõem a Câmara Mirim:

Aginaldo Andrade Dias — Prefeito
Maurício Mario Lima Nogueira — Vice-Prefeito

Adolfo Lindemberg Souza, Jurandir de Oliveira, Silvana dos Santos Souza, Antonio Teixeira Conceição, José Romilson Nascimento, Manoel Messias Peixoto, Cristóvão Leal de Souza, Adailton Figueiredo, Marcio Cristiano dos Santos, José Andrade dos Santos, Altamiro Araújo da Silva, Dezilda Araújo dos Santos, Ana Emília F. Melo da Silva, Pedro Souza dos Santos e Tania Aparecida da Silva Mota (vereadores).

Abacaxis para todos



Vila Moderna, povoado com 300 habitantes, situada no Município de Caracará, no Território de Roraima, é bastante nova. Seu primeiro morador, Sr. Raimundo Silva Barbosa, chegou lá em novembro de 1977.

Somente em 1979 foi iniciado o trabalho comunitário, com a formação do GAL (Grupo de Ação Local), tendo à frente o Sr. Raimundo.

Apesar de estar situada em região de terra fértil que proporciona boa agricultura, o grupo constatou que a vila tem muitos problemas que dificultam a vida de seus cidadãos: difícil acesso devido às péssimas condições de pontes e estradas, falta de atendimento médico-dentofarmacológico, vacinação, inexistência de fossas sanitárias e na escola precisando de reformas profundas.

Por ser o pioneiro e parente dos demais moradores, o Sr. Raimundo é bastante respeitado e estimado por todos. É o principal líder do lugar, não medindo sacrifícios em promover e estimular o espírito comunitário.

Juntamente com outros líderes das co-

munidades ao longo da BR 210, que serve a região, encaminhou um abaixo-assinado de todos os moradores do município solicitando providências ao prefeito, Sr. Diomedes Oliveira, que lhes deu todo apoio.

O Espírito Comunitário

Apesar de todos os problemas, a participação social nunca deixou de existir e, através do PRODAC (Programa Diversificado de Ação Comunitária), a população iniciou um processo de trabalho conjunto, refletindo e discutindo as dificuldades comuns a todos. Para discussão e debates, foi estabelecido que o terceiro domingo de cada mês será para reunião do GAL e de toda a comunidade.

O espírito comunitário reinante na vila chamou a atenção de outras entidades, que começaram a investir na região como, por exemplo, a SEPLAN (Secretaria de Planejamento e Coordenação), através do PRODECOR (Programa de Desenvolvimento de Comunidade Rural), com os projetos de

construção de 15 casas populares, centro comunitário, poço com bomba e lavanderia, já aprovados e com início das obras previsto para este mês.

Além dessas, a vila conta também com o apoio da ASTER (Associação de Assistência Técnica e Extensão Rural); LBA (Legião Brasileira de Assistência); INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária); SOSEP (Secretaria de Obras e Serviços Públicos) e da SAGRI (Secretaria de Agricultura).

O Abacaxizal

Conta com 800 pés de abacaxi e a orientação técnica da ASTER. A idéia dessa plantação partiu do coordenador do GAL Sr. Raimundo, e tem por finalidade o cultivo e distribuição de mudas aos moradores. Estes pretendem aplicar em obras para benefício de todos, a renda proveniente da comercialização das frutas.

Vila Moderna: um bom exemplo de trabalho participativo.

Queridos Amigos

Piqueiro - tubaos santos - MP:
Amigos amigos do jornal.
"Ação Comum"

Escrevo esta cartinha somente porque recebi um exemplar do referido jornal, e fiquei gostando muito quando acabei de olhar e ler as notícias que não se encontravam nestas revistas que recebo para os amigos, para pedir que quem receber mentalmente o exemplar.

Eu sou um pobre lavrador que vivo da roça, sou casado e tenho 2 filhos, já fui alfabetizador do (paí) programa de Alfabetização funcional 4 anos, e por isso que considero como participante da família-MOBRAAL.

Min 4 anos que fui alfabetizador, consegui alfabetizar 23 alunos que eram totalmente analfabetos.

Já consegui resolver vários problemas da minha comunidade, que não é possível contar nesta cartinha, mas talvez na próxima contarei mais coisas.

Outro amigo, eu moro na zona rural aqui no interior de tubaos Santos onde tudo é difícil. A gente trabalha o dia todo no roça a noite a gente quase não tem coragem de ir a sala de aula, mas graças a boa vontade e desejo de lutar pelo um Brasil melhor a gente não mede as dificuldades e enfrenta a bem pesada tarefa de estudar a luz da lamparina.

Enfrentando a falta de energia elétrica, porque não temos energia elétrica, sentados em pedaços de madeira, e escrevendo em pedaços de tabuas, foi assim o trabalho unido e unido mais de 800 resultados para minha comunidade, meu município estado e meu país.

Durante este quarto ano, eu sinto que muito importante servir mais que ser servido, espero que mais os exemplares do jornal, e espero que o MOBRAAL ofereça um pobre lavrador que tem os pés e as mãos calçadas. Um abraço para todos?

o...lin 11.

Jacaré 04 07 / 1981

Minhas Condições Saudáveis!

Caríssimas e funcionárias da sede do MOBRAAL minha grandiosa gratidão, pelos jornais maravilhosos de ação comunitária que tenho recebido de Vossas bondosíssimas mãos. Sim isso me dá muita alegria em saber que o nosso Brasil tem um desenvolvimento total, em comunhão com o MOBRAAL. Aqui em minha comunidade o MOBRAAL não é bem aceito não! O povo não tomaram consciência do valor que o MOBRAAL nos traz. Eu apenas fui um simples alfabetizador em minha comunidade mas muito sempre fui a certa! E por isso eu vou lutar de encimar. Agora preciso mil desculpas pelos simples e fracos livros e mais. Uma vez obrigada Mariana.

Cordiais
Saudações

JORNAIS RECEBIDOS

SINTINELA CAMBARENSE

ano III — n° 26 — novembro 1980
Informativo da Prefeitura Municipal de Camborá do Sul — RS

JORNAL DO COSME VELHO

ano I — n° 2 — novembro 1980

REPORTER RONDON

ano III — n° 2 — Brasília, setembro 80

JORNALZINHO CULTURAL DO MOBRAL

"06 DE SETEMBRO"
ano: 1980 — outubro — n° 9
Redação: Posto Comunitário do MOBRAL — Bolém (PB)

FOLHA COMUNITÁRIA

ano: 1980 — n° 002 Mês: outubro
Região 05 — PR (SUSUG)

NOSSA TERRA/NOSSA GENTE

novembro 80 — n° 01
Região 03 — PR (SUSUG)

O MOBRALZINHO

Comissão Municipal do MOBRAL
Barra Velha — SC — dezembro/1980

O VELEIRO

ano 2 — n° 6 — outubro/novembro 1980
Florianópolis — PI

A ÁREA — SC

ano 02 dezembro 1980 n° 05
Responsável: Comissão Municipal do MOBRAL da Imbuia
Direção e Redação: Volnei Luiz Lutz
Desenhos: Sônia, Inês Felher Lutz
Colaborador: José Rogério dos Santos

O ELO — SANTANA — BA

Ano I — Mês 3 — novembro

FALANDO SÉRIO — N° 4 — 1980

Informativo Comunitário — Nazareno — MG
Responsabilidade: Modesto S. Netto (Encarregado Cultural)

JOCULTAG

Jornal Cultural de Anita Garibaldi
Ano I — N°s 2 a 3 — Novembro/Dezembro/80
Anita Garibaldi — SC
Órgão do Posto Cultural Comunitário do MOBRAL
Responsável: Zenilda Terezinha Potry

BIM — BOLETIM INFORMATIVO MOBRAL

Ano III — n°s 30, 31, 32 — outubro/novembro/dezembro/80
São José do Cedro — SC

O INFORMATIVO

Ano I — N° 10 — Novembro/80
Joazeiro — SC
Responsável: Edi Zinner
Colaboradores: professores e alunos do PEI e Comunidade

O MOBRALZINHO

Órgão Oficial da Comissão Municipal do MOBRAL — Novembro 80
Barra Velha — SC

JORNAL NOVO MOBRAL — editado pelo Posto Cultural do MOBRAL

Ano I — N° 4 — Novembro/80 — Erval Velha — SC

DIONÍSIO MOBRAL INFORMA

Ano I — N°s 7 e 8 — Novembro/Dezembro/80
Redação: Marlene de Lara Bortoli

INFORMATIVO MOBRAL

Ano I — N°s 5, 6 e 7 — Outubro/Novembro/Dezembro/80
Xaxim — SC

LATITUDE ZERO — COTER/AMAPA

Ano I — N° 3 — Novembro/Dezembro/80
Redatores: Eulábio Modesto do O. Filho e Pedro da Paula Rodrigues

O SEMEADOR

Posto Comunitário do Cruzcra do Sul — AC

JORNALZINHO CULTURAL DO MOBRAL — "06 DE SETEMBRO"

Órgão Mensal do Posto Comunitário
Ano I — N° 11 — Dezembro/80

INFORMATIVO CULTURAL DA TENDA DA CULTURA

Ano I — N° 1 — Dezembro/80 — Iuporanga — SC
Redatores: Nivaldo Lutz, Maurício Francione e Aldo Gieser

coluna do leitor

Agradecemos e retribuimos os votos de boas festas enviados por Nelly Alves Estabão (alfabetizadora de Pelotas) e Mirtes Alves (Santana, na Bahia).

"...Tenho uma grande paixão de alfabetizar. Meu burro é carente em tudo. Eu luto muito para que não falte a assistência em alimentos, medicamentos, agasalhos, material escolar, xerox para escola, fotografias, documentação, internamentos, e até insanos são internados sob meus socorros.

Mas tudo isso devo a minha força de amor, fé e caridade. E ao município. Pois a Prefeitura Municipal de Suzano me prontifica todo esse trabalho.

(...) O ano passado tenho quase a certeza de que fui quem mais alfabetizou. Meus alunos conseguiram bons empregos, chegando mesmo muitos a poder dirigir" (...) MATHILDE S. CEZARINO

Suzano — SP

"Desejo externar meus agradecimentos pela gentileza bem como parabenizá-los pelas matérias inseridas de real valor em todo seu contexto.

Na qualidade de médico-clínico ge-

ral e possuidor do curso de Educação Física, com modesta colaboração na formação dos nossos jovens, incluindo trabalhos com menores desamparados, ponho-me à disposição de Vv. Ss. a fim de ajudá-los a conduzir este barco que julgo "quanto mais remadores melhor". (...) DR. JONAS CARVALHO

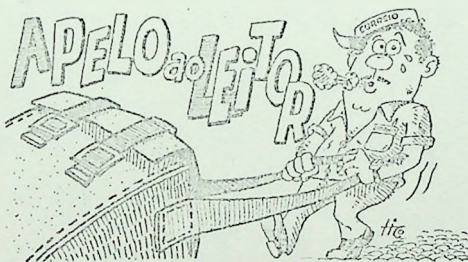
Recife — PE

"(...) Ação Comunitária foi um grande passo que o MOBRAL deu em relação a todos, não só para os alunos. Nós alfabetizadores também fomos beneficiados com isto, nosso trabalho se tornou mais fácil. (...) Eu também aprendi muitas coisas com os alunos do MOBRAL, é uma troca de conhecimentos." (...) SUELY MACHADO GOMES

Vila Nova — Cubatão

"Sendo eu monitor do MOBRAL por um período de três anos, sinto-me orgulhoso de ter sido um tijolo na construção desta muralha contra a ignorância".

LUÍS MAGNO DA SILVA
Coelho Neto — MA



Nosso AÇÃO COMUM

vai de vento em popa:

já atingimos 150.000 exemplares e não pretendemos parar aí.

Mas não basta crescer quantitativamente. É essencial que melhoramos cada vez mais em termos qualitativos o que, para nós, significa nos aproximarmos do nosso objetivo — ser o grande órgão catalizador da ação comunitária no Brasil. Isso ressaltamos quanto somos diferentes: nossas matrizes, nosso conteúdo não podem ser gerados na redação. Nossa atividade redacional limita-se a recolher e organizar as notícias enviadas pelas comunidades, tratando ações comunitárias efetivamente desenvolvidas. Com esse aspecto, o Sistema de Comunicação Social do MOBRAL, o SICOM, os-

tá respondendo, cada vez mais e melhor às nossas necessidades.

Há um outro problema, no entanto, que só nossos leitores podem resolver. Para melhorarmos, precisamos ser criticados. E as pessoas mais autorizadas a fazer essas críticas, as únicas realmente habilitadas, são vocês, nossos leitores. Nosso jornal é publicado para vocês: é seu dever participar do mesmo, contribuindo com suas observações, aprovações, desaprovações, opiniões, em resumo, com sua palavra.

Nem todos os que escreverem terão respostas individuais: o número de cartas não nos permit-

rá isso. Mas todas as cartas serão lidas cuidadosamente e todas as opiniões levadas em consideração.

A todos responderemos, através da adequação, cada vez maior, do AÇÃO COMUM, às expectativas de seus leitores.

Estamos aguardando a sua carta!

A partir da última edição o jornal Ação Comum passou a ser distribuído pela firma Distribuidora Irmãos Reis Ltda.

No caso de qualquer irregularidade no recebimento solicitamos comunicar à redação, rua Voluntários da Pátria n° 53 — Botafogo — CEP 22270 — R.J.

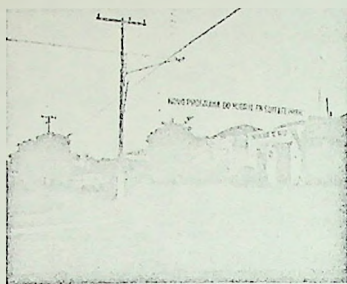
É de você está interessado em receber o "AÇÃO COMUM", mande nos o seu nome e endereço completo, para mandarmos te enviar em sua casa.

ACÇÃO COMUM Editado pela Comissão do Movimento Social — CEMUS, do Movimento Brasileiro de Alfabetização — MOBRAF, Rua Voluntários da Pátria, 53 — Botafogo — Rio de Janeiro — CEP 22270.

PRESENCIAL
Anita Garibaldi
SICOM LANCHEIRO
Mário Santos de Lencastre e Vitorino
SICOM LANCHEIRO
Rosa Maria Teixeira Bastardes

Assinatura
Mário José Amorim
Assinatura profissional n° 311551
Tribunal de Recurso de 1974 (assimilado)

Santa Fé: com carinho e amor



Avenida principal de Santa Fé

Santa Fé é uma cidade tranquila, gostosa de viver, onde além de todos os seus moradores se conhecerem, também existe o sentimento de amizade, o que faz nascer uma união muito forte no seu povo. Quem quer encontrar um conhecido é só passar na Churrascaria Rei da Costela, cujo dono Luís Pellegrini, com seu sorriso muito simpático, está sempre pronto para servir um saboroso churrasco e um aperitivo, que segundo os frequentes "é pra abrir o apetite". Localizada no sul do Brasil, mais precisamente no norte do Estado do Paraná, Santa Fé conta com uma população de aproximadamente 11.000 habitantes, que fazem do Clube Recreativo, do campo de futebol e do balneário os seus locais de lazer e ponto de encontro para um bate-papo, onde as amizades cada vez mais se fortalecem. E fica-se conhecendo algumas figuras muito populares, como é o caso do casal, Damião e Leocádia, que não se distanciam nunca. O amor é tanto que eles só aceitam trabalho, que é o de limpeza nas casas, quando esse serviço pode ser executado pelos dois. Caminhando juntos pelas ruas, Damião e Leocádia são como um símbolo do amor, que tem sua expressão maior quando aos domingos eles vão à Igreja Nossa Senhora das Graças para colocar flores no altar. Outra figura das mais conhecidas é o Cheba, que sempre é o primeiro a saber as notícias da cidade. Se houver um grupo reunido, conversando, podem estar certos de que o Cheba vai querer entrar na roda. Afinal ele tem que saber de tudo, e quase sempre, acaba sabendo. E os casamentos na cidade são comemorados com grandes festas, com muita alegria, e com muito churrasco. Há pouco tempo houve um, da filha de um vendedor, onde foram consumidos 1.250 quilos de carne. E o povo comeu, bebeu e dançou a noite toda. Foi uma festança e tanta! E mesmo na zona rural, que tem 4.000 habitantes, o casamento é festejado. O pessoal da sede do município se desloca até lá e a festança é grande.

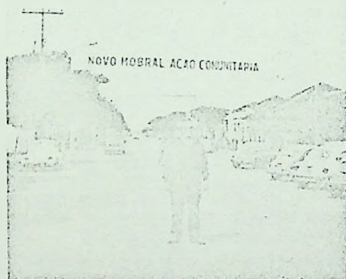
O Prefeito José Fernandes Pinheiro, paulista, nascido na cidade de Cajuru, vive em Santa Fé há mais de 30 anos. A maneira dele administrar é um pouco diferente porque, para início de conversa, difícil é encontrá-lo em seu gabinete. E ele explica: "Gosto de minha sala só para assinar os documentos, porque os problemas mesmo estão na rua, e eu quero tentar resolvê-los nos locais, perto do povo, ouvindo o que eles têm a dizer".

Outro aspecto muito original na administração do Prefeito José Fernandes é o de espalhar faixas e cartazes com frases explicando ou divulgando o que está acontecendo na cidade, no Estado ou até mesmo no Brasil, como foi o caso da visita do Papa. E por que isso, Prefeito?



Prefeito José Fernandes Pinheiro.

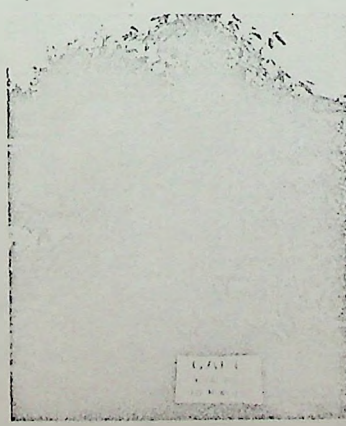
— É de meu costume levar ao conhecimento de minha gente tudo que eu receba de informação. Se o MOBRL vai fazer, ou está fazendo alguma coisa que seja bom para a cidade, ou para o povo, eu coloco numa faixa o que está acontecendo e ponho no lugar mais movimentado. Assim a minha gente fica informada.



As faixas anunciam tudo de novo que está acontecendo.

O Prefeito se considera praticamente nascido em Santa Fé:

— Quando entrei aqui, o que via eram as matas. Acompanhei o desenvolvimento, o progresso da cidade, e se isso aconteceu foi graças ao esforço da nossa gente. Eu sinto a amizade nesse povo, que podemos considerar mesmo como uma só família, unida, que trabalha de mãos dadas. É um povo trabalhador.



Existe um grande espírito de produção de café.

O município, que está completando 24 anos de sua emancipação, tem no café a sua maior produção. Isso não impede que a soja, o milho, feijão, amendoim, algodão, e mesmo o gado, contribuam em muito para a economia da cidade. Pode-se mesmo dizer que ali existe uma lavoura muito bem distribuída.

Um trabalho a que a Prefeitura tem se dedicado bastante é o do MOBRL.

Para ele todo apoio tem sido dado:

— O trabalho comunitário do MOBRL ajuda muito a Prefeitura. Com ele a população me estimula, traz sugestões para que eu coopere na solução dos problemas. Aliás, esse trabalho tem todo apoio da comunidade, que se reúne, discute seus problemas, e quando precisa realiza reuniões. Quando eu posso compareço a essas reuniões da comunidade, porque acho que no Brasil são poucos os lugares em que o trabalho do Prefeito é tão beneficiado como esse, coordenado pelo MOBRL na nossa cidade.

Marlemarly, e o trabalho?

Passando pelas ruas de Santa Fé e perguntando pela Marlemarly, todo mundo vai logo responder que é a moça do MOBRL.



Marlemarly, cumprimentando um dos jogadores do time do MOBRL.

Pela simpatia, o modo de tratar as pessoas, e o carinho e o entusiasmo com que desenvolve o seu trabalho de auxiliar comunitário, tornou-se uma figura das mais conhecidas e queridas pelo povo da cidade. E sua opinião a respeito do povo da cidade e o trabalho que realiza é muito positiva:

— MOBRL aqui é a própria cidade de Santa Fé, porque todos colaboram.

Se eu fosse montar uma Comissão Municipal em cima das pessoas que trabalham com o MOBRL de Santa Fé, eu acho que la contar com quase toda a comunidade. Veja só, esse local que trabalhamos, antigamente era área aberta, e o que usávamos era uma salinha na Prefeitura, que era um local muito difícil de trabalhar. Ai, o Prefeito fechou essa área aberta e fez o nosso salão. Nós temos a promessa do Prefeito de construir um prédio só para nós, com algumas salas e salão comunitário. E isso seria feito antes dele completar sua gestão.

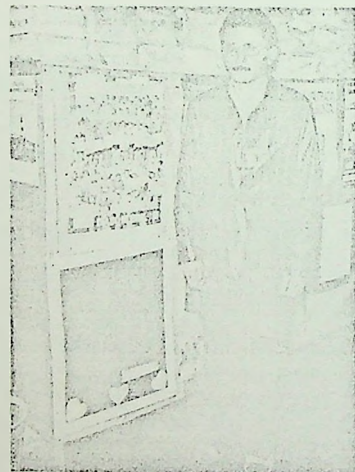
Tem gente que pensa que Marlemarly mora em Santa Fé, mas na verdade reside em Astorga, o município vizinho. É que diariamente, ela se encontra com o pessoal da Comissão do MOBRL.

— O trabalho de ação comunitária quem faz é o pessoal da Comissão Municipal, que já foi treinado para isso, apesar de que todas as vezes que precisamos, nós estamos prontos para

ajudar. Além disso, todas as Entidades participam do nosso movimento, principalmente a Inspeção de Ensino. É uma comissão e tanto! São eles que realizam o PRODAC — Programa Diversificado de Ação Comunitária. Marlemary, e o trabalho?

— Na verdade, esse trabalho de ação comunitária nasceu sem muita previsão. É que no município foi implantado, nas localidades com problemas e necessidades parecidos, o Programa de Educação Comunitária para a Saúde, o PES. Com o tempo os grupos foram fazendo muito mais coisas do que aquelas que apenas se relacionavam com a saúde. Foi como se de repente o pessoal tivesse descoberto as vantagens de trabalhar em grupo. E aí partiram para as mais diversas atividades, para outros trabalhos, pois tinham os mesmos interesses e as mesmas necessidades. De repente o que aconteceu foi que o monitor do PES passou a ser o nosso agente comunitário, pois aquele grupo que inicialmente só tratava da parte de saúde passou a ser um grupo social disposto a atacar todas as dificuldades. As possíveis, é claro! Aqui na zona urbana cada monitor orienta de 15 a 20 famílias, que dividimos pelas quadras de casas. No momento, só na zona urbana estamos com 32 grupos trabalhando ativamente.

Nunca é tarde...



José Fernandes Vieira tem 56 anos mas aparenta ter menos idade. É um homem que fala alto, com firmeza, mas que todos na cidade estimam muito, principalmente pela maneira educada de tratar as pessoas. Inclui-se no ano passado, além de ser considerado o melhor aluno, também recebeu o título de melhor colega de classe. Atualmente ele está cursando o 3º ano técnico de contabilidade, mas já foi aluno do MOBRAL, no Curso de Educação Integrada, que equivale às quatro primeiras séries do 1º grau, ou seja, o antigo curso primário. E é ele quem diz:

— Foi estudar no MOBRAL porque nunca é tarde para aprender, e tudo que a gente aprende tem uma utilidade, mesmo que não seja no ramo profissional. A gente passa a conhecer muitas coisas, inclusive conviver com outras pessoas. Eu tive vontade de aprender antes, mas como não deu, depois de velho apareceu a oportunidade. Antes de vir morar aqui eu trabalhava no comércio, em São Paulo, e toda vez que tinha uma folga estudava sozinho, mas... sempre me faltava o comprovante, o certificado. E precisava. Foi

então que aqui em Santa Fé eu me dirigi ao MOBRAL para aprender mais e conseguir o certificado que me deu chance de entrar no ginásio.

José é casado e seus filhos também. Atualmente trabalha em um bar, onde sempre que pode conversa um pouco sobre as vantagens que ele teve quando se dirigiu ao MOBRAL:

— Gostei de estudar no MOBRAL porque aprendi muito, e se não tivesse feito isso não estava como estou hoje. De antigamente para agora as diferenças são muitas. Hoje a gente vê as coisas mais claras. Antes eu já conhecia essas coisas, mas não tinha definição para cada assunto. Conhecer e conviver com as pessoas foi muito bom para mim.

Dentro de alguns meses vai ser sua formatura, e para isso já está tirando fotografias que vão servir para o álbum. E está muito orgulhoso, principalmente da sua própria força de vontade:

— Às vezes os problemas da vida do aluno são tão grandes que se chega até a desanimar, mas ele tem que continuar. Viver enquanto tem vida todo mundo vive, mas conhecer as coisas é diferente, e é por isso que as pessoas devem estudar. E o MOBRAL, que é o veículo de aprendizagem, sempre recebe bem as pessoas. É muito ruim ao analfabeto, por exemplo, pegar um folheto e não saber como aplicar as orientações.

Todas as vezes que José pode ele procura colaborar com o MOBRAL, inclusive dando essa entrevista.

— Eu quando participo dessa reportagem quero colaborar, dizendo a todos do benefício que o MOBRAL pode fazer pelas pessoas. Hoje me sinto mais confortado por saber mais, e acho que o estudo é meu maior companheiro.

Na verdade quando resolvi enfrentar o estudo, eu deixei de tolerar o meu fracasso. Qual outro caminho que eu teria se não fosse o MOBRAL?

Uma comissão e tanto!

Aparecida, Maria do Carmo, Cleunice e Vanda lideradas por dona Maria Aparecida, que é a Presidente, fazem parte da Comissão Municipal do MOBRAL de Santa Fé. E é bom que se diga: realizam um ótimo trabalho, de qualidade excelente. Falar com cada uma delas é colher uma opinião entusiasmada sobre as atividades desenvolvidas, como é o caso de dona Maria Aparecida:

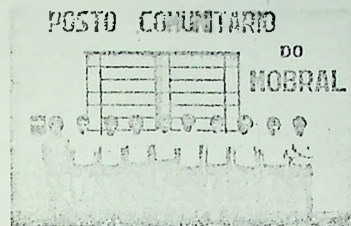
— Eu acho que aqui em Santa Fé não existe cansaço, porque a cada dia que passa a gente se sente mais satisfeita por trabalhar para o MOBRAL.

Depois que começamos a atuar não só em alfabetização as coisas aqui tomaram um grande impulso. Antigamente muitas pessoas faziam piada sobre MOBRAL, mas hoje respitam. O povo se conscientizou do que representa o trabalho do MOBRAL, que faz a pessoa realmente se sentir alguém, se sentir valorizado.

E nas atividades desenvolvidas são muitas as histórias que ocorrem, como conta Aparecida Fernandes:

— O MOBRAL aqui tem 2 times de futebol, e a dificuldade é que todo mundo quer jogar. O pessoal que não estuda no MOBRAL quer entrar no time, e a turma que sai da alfabetização não quer sair. As pessoas têm muita admiração pelos jogos. Além de termos recebido do MOBRAL um jogo de canetas para o time, o Prefeito também doou

outro uniforme. Acontece que esse time não tem o escudo do MOBRAL, e os jogadores fazem questão que tenha. Chegaram até a tentar desenhar nas canetas.



O time de futebol do MOBRAL.

Fazendo supervisão nas salas de alfabetização, Cleunice vê de perto o esforço dos alunos:

— A gente vê esse pessoal que vai para a escola com admiração, pois mesmo com todas as dificuldades ainda aparecem de noite na sala de aula. É muita vontade de aprender, e só o MOBRAL pode fazer isso por eles.

No momento as meninas do 3º ano normal estão alfabetizando as pessoas em casa. Nessa situação temos 160 alunos, mas além disso temos as outras classes de alfabetização espalhadas pela sede e zona rural. Em Educação Integrada, curso que equivale ao antigo primário, temos 3 salas de aulas.

São muitas as pessoas que por um motivo ou outro não têm condição de frequentar a sala de aula, mas que têm vontade de estudar, e para isso o MOBRAL criou o curso de Autodidatismo. Em Santa Fé ele completou 1 ano de existência, tendo atingido a meta de 300 alunos, principalmente de pessoas da zona rural. Maria do Carmo explica:

— O pessoal passa no Posto Cultural, se inscreve, e pega o livro que quiser para estudar e leva para casa. Quando encontram alguma dificuldade eles vêm até o Posto e a gente explica, orienta. Por exemplo, o pessoal da zona rural passa no Posto e pega o livro, levam para casa, estudam e depois trazem de volta. A gente corrige; e se for o caso eles já levam outro livro para estudar. Devido à falta de tempo de alguns, em vez deles irem ao Posto, eles deixam chegar o sábado e vão lá em casa para que eu dê as explicações necessárias.

Trabalhando quase 10 anos para o MOBRAL, Vanda Elizabeth é muito conhecida pela dedicação às pessoas que necessitam, e pelo muito que dá de sua própria vida àqueles que realmente precisam:

— Tenho vivência de MOBRAL desde 1970. Lá em casa eles dizem que eu 'os abandonei' e casei com o MOBRAL. Acho que me realizei muito, pois tudo isso me dá uma vivência tremenda, não só como profissional, mas como pessoa também. Aqui não se vê só os problemas das pessoas, mas a gente sente também. E muitos desses problemas sobrecarregavam a Prefeitura, mas agora com a ação comunitária tudo melhorou.

A Igreja em ação

Uma das pessoas que muito tem colaborado com o trabalho comunitário desenvolvido é o Padre José Felipe de Meira. Com uma voz pausada, calma e tranqüila, o Padre vai conversando com um e com outro, procurando desenvolver no município um trabalho de união de esforços, de trabalho conjunto. E parece que tem conseguido bons resultados, como ele mesmo diz:

Continua na página 11

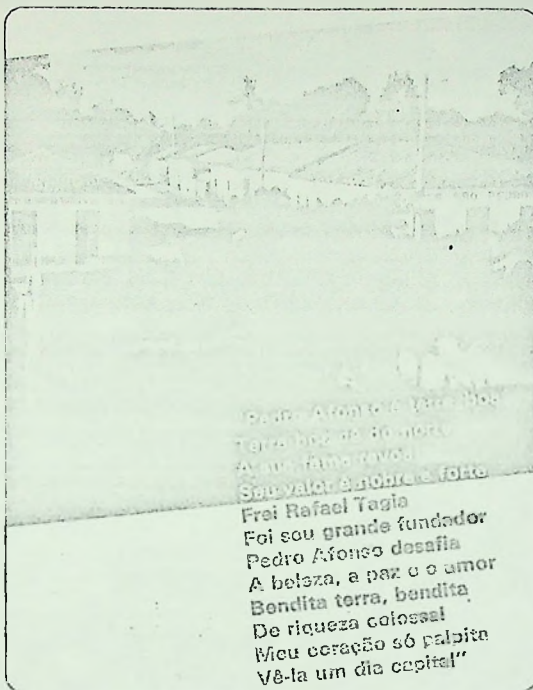
Assim, de maneira bastante inusitada, Terozinha Jacinto Lima apresenta o município goiano de Pedro Afonso.

Ali, dois grupos muito atuantes vêm trabalhando "de mãos dadas, objetivando a melhoria das condições de vida", como afirma a supervisora da área Maria José Pereira Wanderlei.

A partir da iniciativa de um dos líderes comunitários — Luiz Carlos Keernpel — os grupos logo receberam o apoio não só de várias entidades, mas, principalmente, dos alunos do Colégio Agrícola.

A primeira atividade relevante foi, através de mutirões, a limpeza das ruas e terrenos baldios. A alegria e a boa vontade dos participantes contagiou a todos que, hoje, reconhecem a importância do trabalho comunitário.

A seguir partiram para o plantio de uma horta comunitária em terreno especialmente cedido pela paróquia local. O trabalho foi orientado por um dos alunos do Colégio Agrícola e um técnico da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Exten-



são Rural) que doram ao grupo noções sobre como preparar os canteiros e as mudas, de que modo plantar e, ainda, da utilidade das verduras na alimentação.

Desse modo o Bairro Rua Nova começa a oferecer condições de vida cada vez melhores aos seus moradores. E tudo é feito por eles próprios.

A falta de uma sala para aulas de alfabetização levou-os a construí-la.

Atualmente ela é usada para várias outras atividades, tais como reuniões comunitárias e cursos profissionalizantes.

Outro sonho acalentado pela comunidade era o de substituir a cobertura de palha das casas por telhas coloniais. Partiu-se para a arrecadação de recursos através da venda de verduras. Logo surgiu alguém que sabia como fazer as telhas. Disps-se a ensinar àqueles que se oferecessem como voluntários.

Assim, o trabalho já vem sendo realizado, despendendo ainda menos recursos.

O exemplo do Bairro Rua Nova já se alastrou e começa a ser copiado por outros locais do município de Pedro Afonso.

Maragogipe (BA) realiza 1ª Feira Comunitária

Realizou-se em fins de ano passado a 1ª Feira Comunitária do PETRA (Programa de Educação Comunitária para o Trabalho), com o objetivo de promover a venda dos produtos confeccionados durante os cursos: bordados, pinturas, peças em crochê, tapeçarias, arranjos florais, cerâmicas e peças de vestuário, foram ali comercializados.

Fizeram-se presentes os municípios de Cachoeira, São Félix, Muritiba, Nazaré e Aratuípe, cuja participação se deveu, principalmente ao bom trabalho de divulgação realizado pelas Supervisoras Edelzuita Silva, Antonieta dos Santos, Isa Guerra, Marlene Santos e Benedita Lima Sampaio.

O grande sucesso da feira deveu-se à efetiva colaboração do Prefeito de Maragogipe — Sr. Antoneu de Brito Souza — que cedeu as barracas para as vendas, a iluminação e a decoração de toda a praça onde se realizou o evento.

Estiveram presentes à festa outras autoridades, entre as quais os Prefeitos da Cachoeira (Sr. Ariston Mascarenhas), do São Félix (Sr. Antonio Carlos Lobo Maia), do Governador Mangabeira (Sr. Cludemiro Oliveira Dias).

O êxito da experiência entusiasmou outros municípios que prometem organizar suas próprias feiras a partir de agora.

A Comissão Municipal do Maragogipe, através do seu presidente (Albarto Costa), apoiou integralmente a iniciativa.

MACEDÔNIA EM DESTAQUE



O arquipélago do Bailique, localizada na foz do rio Amazonas, constituiu-se de aproximadamente 30 ilhas. Destaca-se aí a Vila rural de Macedônia, com uma população de cerca de 500 habitantes, cujas principais atividades econômicas são a extração de madeira e o palmito, a pesca artesanal e a caça em pequena escala.

A comunidade tem problemas os mais diversos; o maior deles, talvez seja a dificuldade de comunicação com outras localidades devido à precariedade do transporte.

Grças ao efetivo apoio do auxiliar comunitário — Lúcio de Souza Furtado — grupos começaram a se formar sob a coordenação e estímulo de líderes locais.

O interesse dos próprios moradores do local permitiu que, desde a primeira reunião em meados do ano passado, os problemas começaram a ser levantados e sugestões apontadas para solucioná-los.

Entre as pessoas do maior representatividade comunitária e melhor acesso às instituições foram eleitos os que compoem o Grupo da Ação Local (GAL) e o Grupo da Ação Comunitária (GAC).

O primeiro é formado de 65 elementos.

Compõem o segundo grupo: Francisco Cordeiro Barbosa — Presidente; Geraldo Cordeiro Barbosa — Vice-Presidente; Raimundo Nonato Lazarete da Silva — Coordenador; Jannivaldo Pantoja Barbosa — Vice-Coordenador; Joaquim Gomes Filho — Supervisor; Raimundo Ferreira Neto — Secretário; João Sérgio Marques — Vice-Secretário; Manoel Oito de Barros — Tesoureiro; Lúcio de Souza Furtado — Auxiliar Comunitário da Coordenação Territorial.

Algumas tarefas já começaram a ser realizadas, tais como a abertura de uma nova rua em Macedônia, que até então contava com apenas uma rua.

Também a limpeza de uma área para fabricação de carvão vegetal já é realidade.

Um Posto de Saúde, grande desejo daquela comunidade, já foi implantado na Vila graças ao apoio da LBA (Legião Brasileira de Assistência).

O exemplo do Macedônia começa a frutificar. Outros vilas da região já estão despertando para a Ação Comunitária, da qual, já sabem, serão os grandes beneficiários.

INHAPIM: um exemplo de ação comunitária

Inhapim, município mineiro com 43 mil habitantes a 239 quilômetros de Belo Horizonte, tem como principais atividades econômicas a agricultura e a pecuária, sendo o café seu produto mais importante. A pecuária é constituída de gado leiteiro e do corte, suínos e aves. A indústria é formada por frigoríficos, uma fábrica de moias e um laboratório químico.

A população urbana constitui-se, basicamente, de fazendeiros, funcionários públicos, bancários e operários. Na zona rural, vivem pequenos agricultores, boias-frias, plantadores e empregados das fazendas. Muitos trabalham como meiros e torceiros. É justamente na zona rural que vamos encontrar seus maiores problemas: difícil acesso, falta de transportes, assistência médica deficitária e graves problemas de saúde como a lepra, a tuberculose e a subnutrição.

O POVOADO DE SANTO ANTÔNIO

Está a quatro quilômetros da sede do Município. Seus primeiros habitantes levantaram cascos de bambu rebocados com barro e cobertos de sapê. Eram constituídos, na sua maioria, de pedintes, trabalhadores ambulantes e pequenos agricultores.

Em 1972 deu-se o primeiro contato do povoado com o MOBRAL, com a instalação de classes do Programa de Alfabetização Funcional — PAF, que funcionavam no salão usado pela professora municipal para reunir as crianças.

Em 1974, a professora Maria Aparecida Siqueira, membro da Comissão Municipal da Inhapim, começou a dar aulas e constatou a precariedade da vida de seus habitantes: "Não havia estrutura básica nenhuma, como fossas sanitárias e água encanada. Cães, porcos e outros animais conviviam com os habitantes das casas e soltos nas ruas. O mau cheiro era sentido em todos os lugares denotando que os moradores não tinham nenhuma noção de higiene e saúde. Além disso, a agressividade das pessoas era grande. Cada qual disputava seu quinhão na luta pela sobrevivência. Os desentendimentos entre vizinhos eram constantes. Adultos e crianças apedrejavam as salas de aula".

O GRUPO COMUNITÁRIO

A primeira reunião promovida pela professora Maria Aparecida foi um aparente fracasso. Pouca gente o nenhuma participação. Ela não desanimou e começou a congregar só os pais dos alunos da quarta série, os mais difíceis. Aos poucos começou a crescer o interesse pela melhoria das condições de estudo das crianças. Houve maior participação e os debates passaram a abordar os problemas comuns a todos, inclusive o relacionamento entre vizinhos, que prejudicava o desenvolvimento da comunidade. O consenso geral era que a escola precisava de reformas e a meta prioritária era a colocação de água encanada, pois a que havia era de um córrego poluído.

Carnapinhas, festas e bailes foram feitos para captação de recursos financeiros destinados à compra de canos para puxar a água do tanque de propriedade de um membro



Neste terreno doado se ergue a lavanderia, velha aspiração das mulheres de Inhapim.

do povoado, que autorizou tal empreendimento. O trabalho foi feito parte por mutirão, parte por trabalhadores pagos.

Através dessa atividade de ação comunitária, o relacionamento do grupo melhorou. Coopsando, participando e divertindo-se juntos as pessoas vão se conhecendo e se abrindo. A alegria da primeira vitória incentivou novas realizações: derrubar a cerca de bambu da escola e construir um muro.

Como havia muita coisa para se fazer, as festas passaram a ser permanentes: quadrilhas foram formadas com gente de todas as idades e a cada quinze dias a escola se tornava o centro da alegria. Daí surgiu a necessidade de iluminação externa e de cimentar o piso. Mãos à obra, trabalho feito. Em seguida veio a biblioteca, cuja primeira aquisição que foram um dicionário, um globo terrestre, estantes e até uma máquina de escrever.

As reuniões passam a ser feitas em casas de família. Os problemas de saúde e higiene são levados a sério. Cada morador prepara sua casa para receber o grupo, limpando, lavando e prendendo os animais. Nasce a preocupação com as pequenas hortas caseiras feitas junto aos locais usados como banheiros. O problema é levantado e alguns são mudados de lugar.

Inicia-se uma campanha para regularização de documentos e, em pouco tempo, aproximadamente 180 registros são feitos e realizados 18 casamentos.

O grupo amadurece à medida que as reuniões se sucedem. A confiança e o maior relacionamento se solidificam e se aprofundam. O entusiasmo para novas realizações cresce e o problema de recursos financeiros vai sendo solucionado, através de doações em dinheiro ou de material de construção. A escola ganha um palco de cimento, a madeira do telhado é trocada e as telhas velhas e quebradas são substituídas. Como a maioria dos moradores não possui relógio, foi comprada uma sirena para chamar as crianças para a escola. Cada uma delas carrega um pedaço de lenha para o fogão onde é preparada a merenda que é custeada parte pela comunidade e parte pela Campanha Nacional de Alimentação Escolar — CNAE.

Após a criação dos grupos, como o do

pais e mestres, o de mães e o do jovens, as lavadeiras do povoado — são mais de 30 — reivindicaram melhores condições de trabalho, pois ficam de cócoras, expostas ao sol e à chuva e muitas acabam sofrendo da coluna, de reumatismo e de verminoses. Sugeriram a construção, com a ajuda da comunidade, de uma lavanderia pois, assim, poderiam atender maior número de pessoas, o trabalho renderia mais e a renda familiar teria um reforço adicional.

Depois de uma série de reuniões, partiu-se para a ação. Foi convocado um encontro com as lideranças locais, o prefeito e entidades como o Lions Clube e a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural — EMATER. A receptividade de todos entusiasmou as lavadeiras. Ficou estabelecido que a lavanderia seria construída no terreno do Sr. José Pacifico, através do mutirão, sob o comando do empreiteiro Sr. José Emilio Filho, o "Fio". Os pedreiros se prontificaram a dar um dia de trabalho por semana para a obra. As lavadeiras estão tratando de sua regularização junto ao Instituto Nacional de Previdência Social — INPS. Para esta finalidade, contam com o apoio do Presidente da Câmara dos Vereadores, Sr. José Adalberto Viana.

SANTO ANTÔNIO HOJE

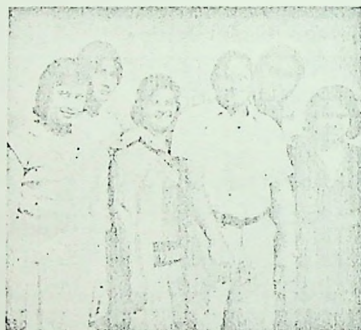
Muito há por fazer: uma escola técnica para dar continuidade à educação dos alunos que terminam a quarta série e que precisam se capacitar profissionalmente; atendimento dentário, posto de saúde o transporte coletivo.

Mas quem viu o povoado antes o vê agora, certamente ficará entusiasmado pelas transformações que ocorreram: casas melhores, os animais não andam mais soltos pelas ruas, crianças limpas, gente trabalhando por conta própria em pequenos comércios e olarias onde crianças de 8 a 14 anos fazem 1.500 tijolos em quatro horas antes irem para a escola.

É bom ressaltar que a melhoria das condições de vida se deu a partir da conscientização dos problemas comuns a todos, valorizando, assim, a importância do trabalho de ação comunitária. A semente foi lançada.

Santana — modelo a seguir

O intenso trabalho desenvolvido junto à população do município de Santana, na Bahia, pelas professoras Maria do Rosário Pereira Magalhães Serrão e Daudete Gomes da Silva resultou na formação de 25 grupos comunitários. Estes, apesar de inúmeras dificuldades, vêm conseguindo alcançar seus objetivos graças ao estímulo permanente de seus líderes e ao grande apoio do prefeito local — Sr. Alcides José Rosa.



O Prefeito Alcides José Rosa e seus familiares, grandes incentivadores dos grupos comunitários.

A escassez de recursos e a falta de remuneração para os monitores não impediram que os grupos prosseguissem em busca de soluções para os problemas mais emergentes daquela comunidade. Hoje, inclusive, o modelo de Santana já é seguido por várias localidades vizinhas.

Assim, 20 farmácias comunitárias foram organizadas e atendem, de forma cada vez mais eficiente, aos moradores do local.

Cursos de primeiros socorros foram ministrados aos monitores dos grupos, o que permite um atendimento bastante bom àquela população tão carente.

Um médico da Fundação do Serviço de Saúde Pública está à frente dos grupos no que se refere à distribuição de remédios.

Atividades diversas foram lideradas pelos grupos comunitários de Santana: campanha de vacinação; plantio de hortas comunitárias; limpeza de casas e terrenos, através de mutirões; aquisição e distribuição de filtros a cem famílias; criação de um depósito de lixo, entre outras.

Para a população do distrito de Cachoeira era prioridade absoluta construir uma igreja. Atualmente ela está em fase final de construção, através das mutirões, que tiveram como grandes estimuladores os líderes comunitários: Nadir Araújo, Reinaldo Silva e Walfredina Magalhães.

Santana é um bom exemplo de como grupos atuantes e bem entrosados podem beneficiar toda uma comunidade.

Municípios gaúchos organizam grupos comunitários

No Rio Grande do Sul, alguns municípios relatam, através de sua supervisora — Blanca Amora Comaru —, da que mandou organizar grupos cujo objetivo principal é promover maior integração entre os elementos da comunidade e o trabalho conjunto em prol das melhores condições de vida para todos.

Estrela, Anta Gorda, Arroio do Meio e Venâncio Aires são alguns dos municípios gaúchos que o Acção Comum destaca este mês. Embora cada um tenha suas características próprias isto não impediu que após a formação dos grupos comunitários — principalmente a partir de salas de aula —, sob a liderança de agentes dos próprios grupos, as necessidades fossem mais ou menos as mesmas. Falta de saneamento básico, agravando inúmeros problemas de saúde, e precárias condições de habitação agravadas por grande fluxo migratório constituem, talvez, a maior dificuldade a ser combatida pelos grupos.

Importante papel vem sendo desenvolvido pelos alfabetizadores que ali

atuam como verdadeiros agentes de Educação Comunitária.

As maiores aspirações dos grupos vêm sendo atendidas através de programas de educação sanitária, cursos profissionalizantes diversos e orientações várias, dentro da linha da Tecnologia da Escassez.

Muito já se conseguiu em benefício daquelas populações através de campanhas de agasalhos, utensílios domésticos e material de construção. O recolhimento de retalhos de tecidos e couro permitiu a confecção de roupas e cobertores. Diversas pessoas foram encaminhadas aos médicos e hospitais. Houve grande participação dos grupos em campanha de vacinação.

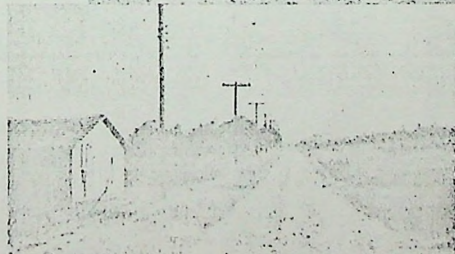
VENÂNCIO AIRES

Os moradores da vila "Caida do Céu", em Venâncio Aires, participaram da colocação de postes para a instalação de rede de energia elétrica local.

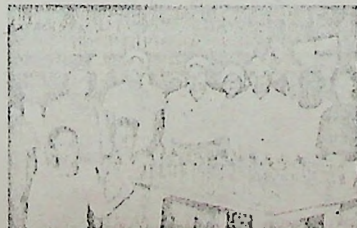
Vila Fresse (Venâncio Aires) antes da eletrificação.



Abaixo, Vila Caida do Céu (Venâncio Aires) cada vez mais ganha nos cursos promovidos pelo grupo comunitário.



Vila Fresse depois da eletrificação.



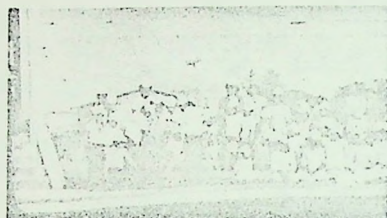
Várias entidades vêm apoiando o trabalho realizado pelos grupos, tais como a 3ª Delegacia de Educação da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, a LBA (Legião Brasileira de Assistência), o Lions Club, o Rotary Club, a EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), as Prefeituras Municipais.

ANTA GORDA

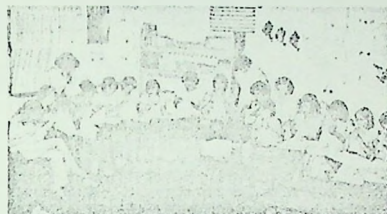
*"Sinta o prazer de cultivar uma vida!
Plante uma árvore
Cultive um jardim
Muito trabalho dá isso?
Basta plantar a semente
E você tornará certamente
Nossa cidade mais atraente
E, quando dezembro chegar
Os jardins iremos visitar
Escolheremos o melhor
Para poder premiar".*

Com estes versinhos o grupo comunitário liderado por Maria Augusta Dametto convocou todas as famílias antagordenses a participarem do concurso — "o mais belo jardim de nossa cidade" — promovendo, dessa forma, o embelezamento do município.

"Patrulha do Verde" embeleza a praça de Anta Gorda.



Curso de bordados em Anta Gorda recebeu grande número de alunas.

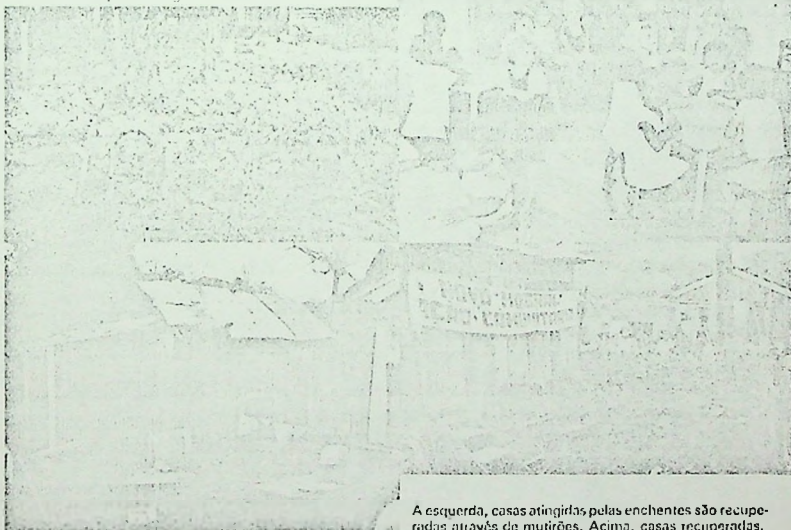


ESTRELA

O município de Estrela tem vários grupos sociais; o de Cantão organizou uma horta comunitária, a partir de orientações da monitora Marileni Kersting Teixeira. O de Pingueta, entre muitas outras atividades, atende a 40 crianças na faixa etária de 1 a 6 anos, cujas mães trabalham fora e não podiam lhes dar o necessário acompanhamento.

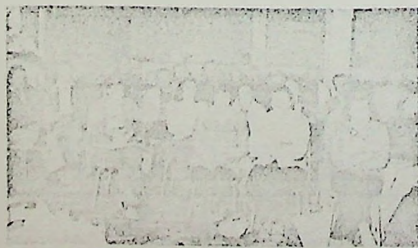
Em Chácara da Prefeitura (Estrela) muito vem sendo feito através de mutirões que contam com grande participação dos moradores — melhorias em diversas casas, muitas delas atingidas pelas enchentes; pintura das paredes; preparação de terreno para plantio de hortas e assim por diante.

Abaixo, a horta cultivada pelo grupo de Cantão, à direita as crianças da Pingueta.



A esquerda, casas atingidas pelas enchentes são recuperadas através de mutirões. Acima, casas recuperadas.

ARROIO DO MEIO



Aspecto da reunião sobre o projeto "Horta e água junto com sua saúde".

Arroio do Meio também já tem sua horta comunitária, feita a partir de cursos sobre horticultura ministrados aos componentes do grupo local. Todas as reuniões se fizeram sob o lema "Horta e água junto com sua saúde".

Ali, todos os aspectos da importância da limpeza de água e o valor dos vegetais na alimentação eram ressaltados.

Assim, cada município, cada vila, por menor que seja, vem descobrindo a sua maneira de aprimorar as condições de vida de seus habitantes. Formam seus grupos a partir das mais variadas necessidades, identificam seus líderes, debatem seus problemas, organizam-se em mutirões.

O traço comum é sempre o mesmo: participação de todos.

Santa Fé: com carinho e amor

Continuação da página 6

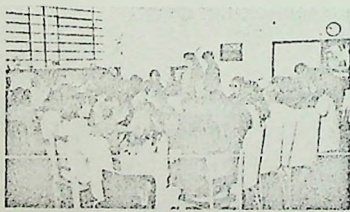
— A Igreja e o MOBRL assumem uma grande ação conjunta em relação aos problemas comunitários. A Igreja é comunidade e o MOBRL é comunitário, daí a tarefa é comum, isto é, dever de todos. Vejo a atuação do MOBRL com ótimos resultados, porque tem agido com uma dinâmica muito boa, levando, inclusive, a comunidade a assumir seus problemas comunitários, além da alfabetização. É um trabalho de conscientização, que é feito promovendo integralmente as pessoas, através de palestras, cursos e encontros. Quanto à minha participação, esta tem sido em várias oportunidades, e meu procedimento tem acontecido mais na divulgação e valorização, diante das comunidades.

E de fato o trabalho conjunto vem acontecendo. Todas as vezes que o MOBRL precisa, a Igreja está sempre pronta para colaborar, e quando a Igreja necessita não precisa nem chamar, porque o MOBRL já está presente, pronto para atuar.

PRODAC a todo vapor

O trabalho comunitário iniciou-se com a formação de grupos de pessoas em diversas localidades de Santa Fé, procurando desenvolver atividades relacionadas com os problemas de saúde. Para começar, uma das medidas adotadas foi a de reunir Entidades no município para que fosse planejada uma ação conjunta. E assim foi feito. Para evitar desperdício de recursos, quer humanos ou materiais, por que não trabalhar unidos? Juntaram-se então ao MOBRL, O FUNRURAL, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a Unidade Sanitária, e a Pastoral da Saúde.

Vanda Elizabeti Fernandes, que ficou encarregada do Programa no município, se dedicou de corpo e alma a todas as atividades:



Vanda orientando para que o trabalho seja com acerto.

— Para conscientizarmos o pessoal dos grupos, que geralmente eram da zona rural, nós fazíamos reuniões até tarde da noite. E esse pessoal ficava satisfeito, nos acolhia com carinho. Até o Prefeito ia com a gente. Nós víamos que aquele povo sentia vontade de colaborar, cooperar para solucionar os problemas.

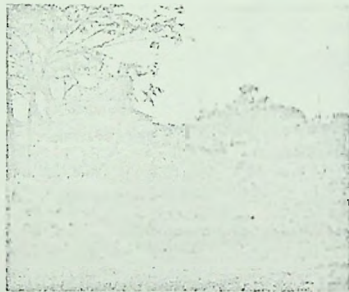
O grande problema da zona rural era a verminose. As crianças descalças, mal-nutridas faziam parte desse problema. Vanda continua a contar:

— Nós sentimos esse problema, e o Prefeito imediatamente contratou um bloquímico para fazer exames no pessoal. Nosso atendimento na zona rural, onde as pessoas costumam deixar as coisas para ver como é que ficam, começava a ser atingido. Foi feita uma série de exames. Os monitores, geralmente os líderes dessas localidades, reuniam o pessoal, explicavam, e depois, com a amostra das fezes dos moradores, levavam direto para o bloquímico, que fazia o exame.



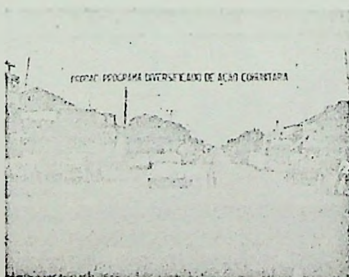
Muitos foram as fossas feitas pelos próprios moradores.

Também para a prevenção desse problema foram feitas reuniões, onde, através de folhetos e cartazes do MOBRL, eram dadas as devidas orientações. É lógico que esses monitores recebiam treinamento para isso. Hoje quando a gente chega nesses grupos a gente vê que eles não ficaram só por aí.



A horta comunitária é tratada com muito carinho, pois serve a todos.

E é verdade, as coisas evoluíram. Foram feitas fossas, hortas — inclusive utilizando ervas medicinais. Aliás, além das diversas hortas caseiras, também existe a horta comunitária, que serve às pessoas mais carentes da comunidade. Sempre tem alguém para plantar, para cuidar, e colhe quem realmente necessita.



Com o passar do tempo os grupos adquiriram o hábito de se reunir, discutir seus problemas, e a partir daí várias soluções são adotadas, através das mais diversas atividades. Só que os problemas dessas pessoas não estavam apenas relacionados com saúde, e portanto resolveram entrar em ação nos outros setores que também os preocupavam. E daí em diante foi isso que aconteceu. Nas reuniões discutem-se os problemas do grupo, procura-se ver quais são os possíveis de trabalhar de imediato, e então... mãos à obra. O trabalho continua, agora com o Programa Diversificado de Ação Comunitária — PRODAC — a todo vapor.

Paraopeba não pára

Pontinha é o nome de um povoado mineiro no Município de Paraopeba. Além do nome dado ao local, Pontinha tem outras peculiaridades: seu grupo social é formado por pessoas negras e quase todas presentes. Gente humilde, vivendo do trabalho na lavoura, mas com problemas de alimentação e saúde.

A manifestação da verminose, a necessidade de plantar para comer e a ausência do cerca na pequena escola de Pontinha fez com que aquele grupo social escolhesse um líder para buscar, com os moradores, soluções para esses problemas. Foi criada uma horta comunitária, a cerca para a escola, assim como o pico para a cisterna da mesma. Hoje, os próprios alunos cuidam dos canteiros. Mas, o povoado de Paraopeba não ficou só nisso: aproveitando o entusiasmo das primeiras atividades, os moradores reformaram todas as cabanas onde fazem suas festas e reuniões. Na cerca, uma tábua com a inscrição: "Aqui, NOVO MOBRL".

Silo abandonado abriga escola

Um velho silo abandonado no município de Natividade, RJ, foi utilizado como posto de alfabetização, conforme conta a alfabetizadora e membro da Comissão Municipal, Sônia Braz Caetano: "Foram três dias de trabalho duro. O chão estava coberto por uma camada grossa de pedras, folhas secas e barro. Insetos por todos os lados. Mas valeu a pena, pois ele ficou lindo. Parecia até uma igreja, devido à imponência de suas linhas sobressaindo na elevação onde foi construído".

O trabalho de mobilização de alunos para a classe de alfabetização foi um pouco difícil. Alguns se mostravam arredios, dizendo que já estavam velhos, uns simplesmente davam do ombro e outros tinham os castigos que outrora eram usados: palmatória, a orelha do burro, o carão de milho, mas quando foram convencidos de que tais métodos não mais eram usados, entusiasmaram-se e fizeram a matrícula.

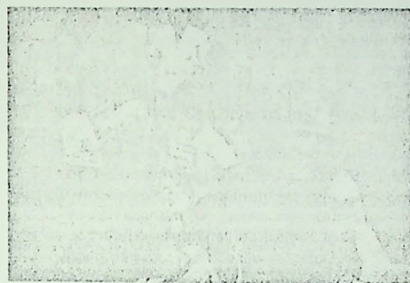
Uma mãe-de família, residente no morro que lavava ao Vale da Esperança ficou entusiasmada com a possibilidade de ver seus cinco filhos estudando, principalmente os mais velhos. Ela, que não sabia ler, também se matriculou para que eles não desistissem. É Sônia quem diz: "Eu me emocionava todas as noites com a entrada da dona Maria e os filhos pelo silo adentro, dizendo boa noite seguido de pedidos de bênção. Com dificuldade repetia inúmeras vezes o "Deus te abençoe". Em pouco tempo novos alunos apareceram. Uns jovens e outros nem tanto, variando as idades de 17 a 60 anos".

Conclui Sônia: "O oxérlito estava pronto para a luta. Todos aguardavam o sinal ao ataque ao analfabetismo. Minha responsabilidade era grande e eu estava disposta a ganhar a luta, tendo como a criatividade como estratégia e a fé como bandeira".

Pré-Escolar em Areal: uma Conquista da Comunidade

Areal está localizado no bairro do Santo Antônio, em Manaus (AM). Sua população compõe-se, principalmente, de operários e industriários. Vindos do interior do estado esses elementos vão se juntando desordenadamente, vivendo em casas de madeira e alvenaria, numa região que não conhece ainda a urbanização.

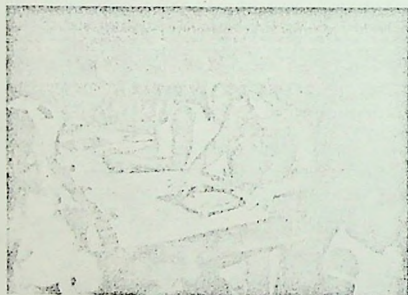
A igreja, em mau estado, quase abandonada, é sede não só dos cultos religiosos mas também de reuniões e, até mesmo, aulas. Em torno dessa igreja, que não passa, na verdade, de um



A Secretária Executiva da MOBIL-ção, Marília Vellozo, visita o núcleo.



Construção da cozinha.



Crianças em atividades no núcleo.

barracão construído há 10 anos pelos próprios moradores do local, é que vêm se organizando grupos diversos, tais como o Clube de Mães e o Grupo de Jovens.

Apesar das inúmeras dificuldades, os grupos já começam a conseguir alguns bons resultados em termos de envolvimento da comunidade na busca de soluções para seus problemas. O grande número de crianças na faixa etária de 3 a 6 anos sem nenhum tipo de atendimento fez surgir um grupo comunitário local a idêia de criar um núcleo do desenvolvimento infantil.

Numa primeira reunião o que se conseguiu de mais concreto foi a conscientização das mães ali presentes para a necessidade de um atendimento especial às crianças. Elas próprias decidiram que lhes cabia, após contatos diversos com outras pessoas da comunidade, conseguir professora e local para funcionamento do núcleo.

A segunda reunião contou com um número bastante significativo de mães (quarenta e cinco), além de uma Assistente Social (Cecília Franco do

São), o Padre Roberto (coordenador pastoral) e o Sr. Alonso, líder comunitário daquela localidade.

A Sra. Graciete Assunção, esposa do pastor adventista, colocou sua igreja à disposição do grupo, o que permitiu que o atendimento às crianças tivesse início praticamente um mês após as primeiras discussões.

Assim, graças ao apoio e, principalmente, ao grande dinamismo daquela população, o núcleo do desenvolvimento infantil encontra-se em pleno crescimento, com 118 crianças sendo atendidas por 4 monitoras voluntárias.

É cada vez maior a participação dos pais nesse trabalho, que, afinal, não beneficia só os filhos mas também a eles próprios.

Um Conselho Comunitário já é realidade hoje em Areal.

Um grupo de mães foi pessoalmente à Campanha Nacional de Merenda Escolar — CNAE — que, além dos mantimentos enviou para o núcleo um fogão e algumas panelas. Assim, num rodízio quinzenal, as mães preparam a merenda de seus filhos.

Barra do Corda é um dos maiores municípios maranhenses, fundado em 1835, com uma população de, aproximadamente, 74.000 habitantes. Cerca de 5.000 índios das tribos canelas e guajajaras também vivem naquele território, essencialmente agrícola. Também a pecuária e indústrias de beneficiamento de arroz e de madeira são ali desenvolvidas.

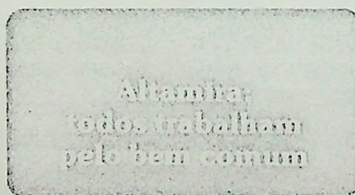
A pesca, embora não constitua atividade organizada, é praticada pela população que, desse modo, melhora sua alimentação e obtém proventos suplementares.

Os serviços de luz e abastecimento de água não chegam à zona periférica do município, onde reside a maioria da população.

Nessa área localiza-se o bairro de Altamira onde um verdadeiro trabalho de ação comunitária vem sendo realizado com grande eficácia.

A partir de contatos com as lideranças locais, segundo relata a supervisora da área Goncalva Laurindo, todos os moradores do local foram convidados a participar de reuniões e discutir seus problemas, buscando possíveis soluções.

O grupo, já após uma primeira reunião, formou um conselho para representá-lo junto



às entidades e funcionar como coordenador das atividades a serem realizadas.

O primeiro problema a ser combatido pela população foi o da verminose; muito se debateu sobre isso nas reuniões com os moradores que resolveram, então, partir para campanhas de filtros e fossas.

Organizou-se um consórcio, cujos integrantes são, em sua maioria, ex-alunos de Alfabetização Funcional atualmente cursando Educação Integrada.

Os recursos arrecadados através de rifas, venda de artesanato e gincanas são administrados pelo Conselho Comunitário.

A intensa participação de todos os moradores permite significativas realizações.

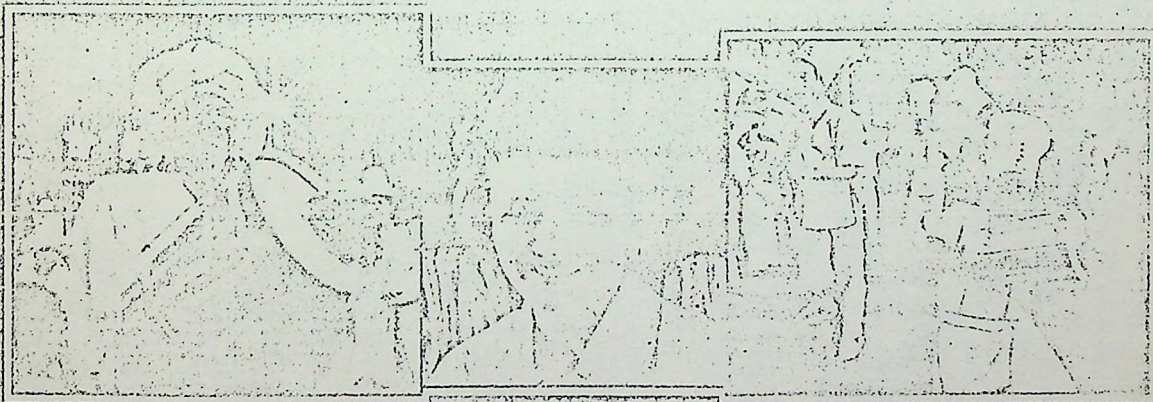
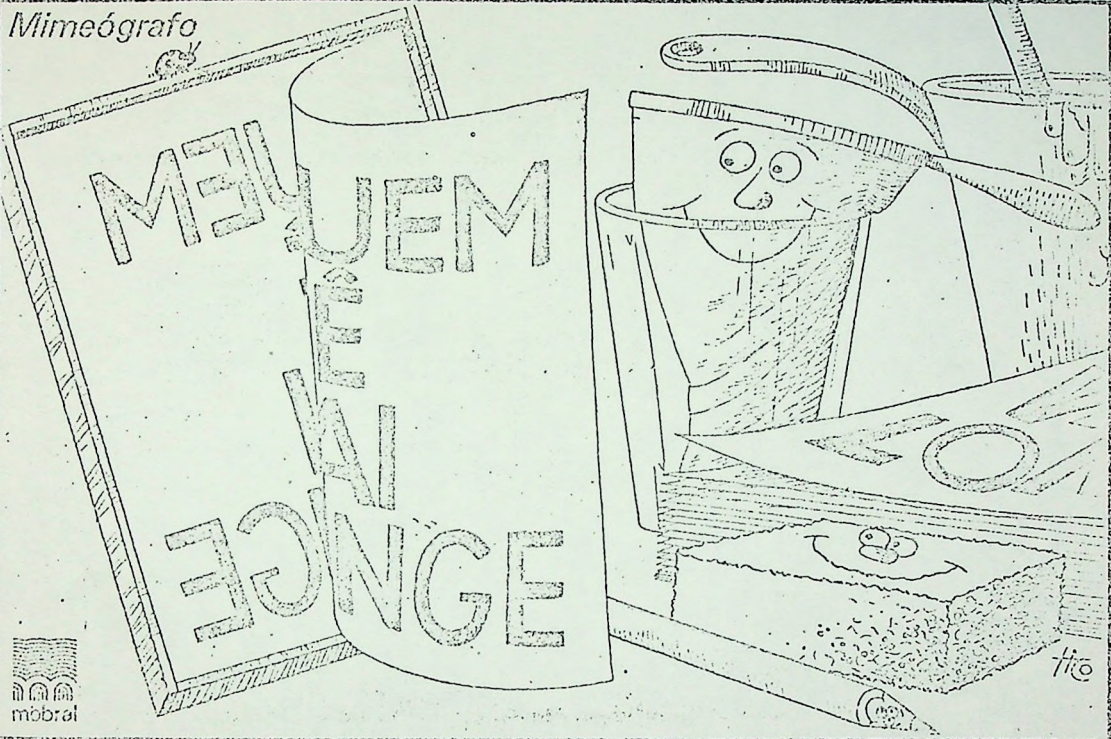
O apoio da Prefeitura, que ofereceu o cimento e o transporte, aliados à mão-de-obra, areia e pedra, vindos da própria comunidade, possibilitou a construção de fossas higiênicas, embora a comunidade não contasse com recursos financeiros para isso.

Devido às precárias condições do bairro — falta de pavimentação, serviço de água, luz elétrica e esgotos — toda a preocupação do grupo gira em torno de problemas de saúde. Cursos profissionalizantes nessa área também têm sido realizados, tais como primeiros socorros, atendimento de enfermagem e parteira leiga, que atendem às solicitações da própria comunidade.

Muita gente tem apoiado efetivamente o trabalho desenvolvido em Altamira por seus moradores: o prefeito-Alcione Guimarães Silva; a 1ª dama do Município — Ismar Silva; a agente comunitária — Francisca Batista de Souza; o secretário de Educação — José de Ribamar Puça; o Coordenador do grupo comunitário — Ismael Ribeiro; a diretora do Clube de Mães — Maria José Passos; a presidente da Comissão Municipal — Maria Ogenilda Melo, entre outros.

TECNOLOGIA DA ESCASSEZ

Mimeógrafo



MARÇO — 1981

FEVEREIRO — 1981

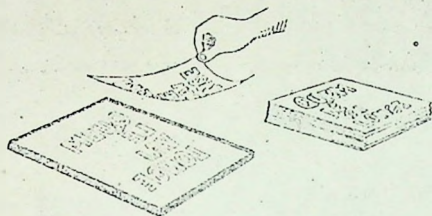
DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31	6 - NOVA	12 - CRESC.	20 - CHIA	28 - MING.

ABRIL — 1981

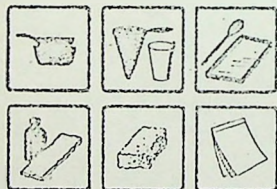
DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Mimeógrafo



Mimeógrafo é um instrumento que serve para tirar cópias de páginas escritas e desenhadas. Com ele o professor pode tirar várias cópias de exercícios, notícias de interesse geral e mesmo de pequenos cartazes. O mimeógrafo, comprado pronto, é uma máquina cara. O de gelatina funciona muito bem e você mesmo pode construí-lo.

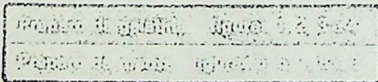
Neste mimeógrafo, você vai usar gelatina e papel hectográfico. A gelatina pode ser encontrada nos armazéns. Ela é vendida em folhas e, para esse mimeógrafo, só serve a gelatina sem cor, isto é, a branca. O papel hectográfico é vendido em papelarias e é um tipo de carbono usado para mimeógrafos. Ele vem com 3 folhas: uma com tinta e uma brilhante chamada matriz. Entre as duas você encontrará outra folha que não será usada. Ela só serve para que a tinta do carbono não borre a folha brilhante, isto é, a matriz.



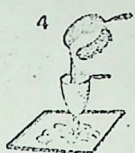
Para fazer este Mimeógrafo você vai precisar de:

- ☐ Vasilhas para banho-maria
- ☐ Coador de pano e copo
- ☐ Colher de pau e tabuleiro
- ☐ Gelatina em folhas e glicerina
- ☐ Esponja ou pano bem macio
- ☐ Folha de papel hectográfico

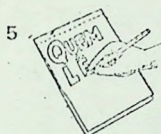
Veja agora como você irá fazê-lo:



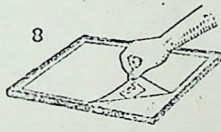
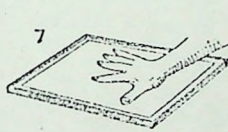
1 Misture em uma vasilha um copo de glicerina com 1 copo e meio de água. 2 Parta 16 folhas de gelatina em pedaços e junte à mistura.



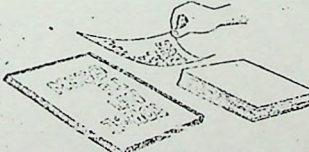
3 Leve a para cozinhar em banho-maria. Mexa sem parar até que a gelatina se dissolva completamente. 4 Coe a gelatina, ainda quente, diretamente em um tabuleiro, que pode ser de qualquer material, e de tamanho um pouco maior que o da folha de papel. A mistura deve ficar bem distribuída. Coloque o tabuleiro sobre uma mesa, até que a gelatina endureça. Enquanto isso, você vai preparar a matriz.



5 Pegue o papel hectográfico e escreva ou desenha no carbono, deixando embaixo somente a folha de papel brilhante. Você deve escrever com cuidado e bastante força, para que todas as palavras possam ser lidas claramente. Depois de verificar se a gelatina já está completamente endurecida, passe a esponja ou pano úmido sobre sua superfície. Não umedeça demais a esponja, pois isso pode provocar borões nas cópias.



6 Separe a matriz do carbono. Depois, segure-a pelas beiradas e encoste-a com cuidado, na gelatina, com o lado escrito voltado para baixo. 7 Passe a mão levemente sobre a matriz para evitar que se formem bolhas de ar entre ela e a gelatina.



8 Espere mais ou menos 3 minutos e depois retire-a cuidadosamente. A gelatina ficará gravada com o que estiver na matriz. As palavras ficarão ao contrário. Para tirar as cópias, coloque uma folha de papel de cada vez em cima da gelatina; passe a mão levemente sobre o papel e retire-o logo, evitando que grude na gelatina. Você poderá tirar cerca de 60 cópias. Se você precisar de mais cópias, poderá utilizar a matriz mais de uma vez. A gelatina usada no mimeógrafo também pode ser aproveitada, pelo menos, mais 2 vezes. É só retirá-la do tabuleiro e derretê-la em banho-maria.

PEIXES
de 20/2 a 20/3



Signo do Água e Móvel
Planeta regente: Lua
Pedra da sorte: Âmniata
Perfumes: Sândalo
Açucena

ARIES
de 21/3 a 20/4



Signo Positivo e do Fogo
Planeta regente: Marte
Pedra da sorte: Rubi
Perfumes: Alazena e Helió